

O HOMOSSEXUAL UNIVERSITÁRIO: E A SOBREVIVÊNCIA NO ALOJAMENTO UNIVERSITÁRIO A MARCENARIA CONSTRUTORA DE ARMÁRIOS.

Autores: **Jairo Barduni Filho**
Mestrando – Universidade Federal de Viçosa/MG
Avenida Peter Rolfs – Universidade Federal de Viçosa –
Departamento de Extensão Rural/DER Viçosa/MG
E-mail: jbvicoso@hotmail.com

Tel: 031 93067077

Alessandro da Silva Leite
Professor/Educação – Universidade Federal de
Viçosa/MG Avenida Peter Rolfs – Universidade Federal
de Viçosa – Departamento de Educação Viçosa/MG
E-mail: Alessandro.leite@ufv.br

Ana Louise de Carvalho Fiúza
Coordenadora e professora/Extensão Rural/Universidade
Federal de
Viçosa -Avenida Peter Rolfs – Universidade Federal de
Viçosa – Departamento de Extensão Rural/DER
Viçosa/MG
E-mail: louisefiuza@ufv.br

“A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida.” Fante (2005: pág. 91).

Introdução

O trecho acima poderia ser tomado como referência exclusiva ao ambiente escolar de nível fundamental e médio, pois, quando se fala em fenômeno de *bullying*, associa-se instantaneamente essa prática às crianças e adolescentes. Contudo, segundo Fante (2005), o *bullying* se refere a uma forma de comportamento cruel nas relações interpessoais, nas quais os mais fortes, ou “normais”, convertem os mais frágeis, ou “diferentes”, em objetos de diversão, prazer e dominação por meio de “brincadeiras” e atitudes

comportamentais. Logo, esse tipo de comportamento não está limitado a uma faixa etária ou espaço escolar específico. Diversos estudiosos vêm oferecendo suas definições e contribuições ao longo do tempo com respeito a esse tipo de comportamento. Não obstante suas divergências, apontam para a incapacidade da vítima em se defender. Situação agravada pelo fato da vítima dificilmente conseguir motivar outras pessoas a agirem em sua defesa.

Como já foi dito, tal comportamento não se limita apenas ao espaço escolar, do ensino fundamental e médio, como muito se concebe. É fato que esse tipo de espaço é propício na observação deste tipo de violência. No entanto, o *bullying* é mais corriqueiro e permeia outros espaços de forma tão violenta quanto se percebe no âmbito escolar inicial. Neste sentido, esse artigo objetiva contribuir com a temática do *bullying* ao dar visibilidade para a prática comportamental em alojamentos universitários, tendo a questão da sexualidade como alvo. Geralmente, nos alojamentos universitários masculinos prima-se pelo silêncio, quando se trata de homofobia, ou qualquer outro tipo de prática social exclusiva.

Pelas razões supracitadas, é que nesse artigo abordou-se a homossexualidade no alojamento novíssimo da UFV/MG, incluindo na problematização sobre o *bullying* o espaço universitário desta instituição de ensino superior, pois, no geral, as pesquisas sobre o tema tendem a invisibilizar esta esfera escolar. Diferentemente dos espaços escolares fundamentais e médios, na universidade os indivíduos têm de enfrentar o preconceito em período integral, sobretudo se residentes dos alojamentos, que consistem em sua moradia por no mínimo quatro anos.

Cerceando um homossexual na “caserna universitária” e as sanções legitimadas.

A arquitetura do alojamento novíssimo da UFV em muito lembra a estrutura panóptica originária do século XIII utilizada por Foucault (1977) para traçar a genealogia das formas de punição e sentenças, porque permite a vigilância sobre o indivíduo. No caso da UFV, essa forma estrutural facilita no campus universitário o espreitamento e a vigilância para a punição do outro. Na verdade o que se busca é desvelar o sexo alheio.

Em sua genealogia da sexualidade, Foucault (1988) aponta que, desde a antiguidade até nossa sociedade moderna, surgiu um tipo de poder,

denominado como poder disciplinar. Essa forma de poder caracteriza-se pela preocupação com a vigilância e a regularização dos atos dos indivíduos em locais coletivos. Para realizar sua finalidade, o poder disciplinar utiliza-se do permanente monitoramento dos sujeitos, desde suas atividades físicas, práticas sexuais e comportamento moral. Pensado nesta gênese de vigilância do século XIII, o sistema panóptico constituiu-se num dos dispositivos mais eficientes para a vigilância dos sujeitos, e ainda podemos encontrar resquícios de sua estrutura arquitetônica nos dias de hoje, ou arquiteturas repaginadas sob o prisma do passado como o prédio do alojamento universitário.

Dentro do alojamento masculino da UFV, a vigilância é feita não somente pelos porteiros, oficialmente responsáveis pela manutenção da “ordem”, mas pelos próprios moradores. No caso da vigilância feita pelos moradores, há maior eficácia no que diz respeito à fiscalização e denúncia de condutas entendidas como merecedoras das sanções. Percebe-se claramente o discurso tomado pelos indivíduos no intuito de coibição, pois, esses “vigilantes” manipulam o que Foucault (1975) denomina como micro poderes. Para Foucault, os micro-poderes são formas de capilaridades, pelas quais o poder se desmembra dentro da sociedade. Nessa lógica de organização do poder, as palavras ganham força como constitutivas das coisas, condicionando a estrutura de pensamento. Os universitários veteranos se utilizam deste poder condicionado às palavras como forma de impor suas regras. Muitas dessas regras diferem das que são impostas oficialmente pelo alojamento. Apropriando-se do discurso de poder da universidade, os universitários veteranos, fazem com que os calouros obedeçam e cumpram às suas novas normas impostas.

Nessa relação de apropriação do discurso dentro deste *campo de poder*, como apontaria Bourdieu (1989), o sujeito é estruturado pela estrutura, ao mesmo tempo em que é um estruturante nas relações micro. Pois neste *campo* há uma manipulação na ordem de poder vertical de dominação, na qual a instituição Universidade passa para segundo plano diante da apropriação do discurso pelos universitários veteranos. Os universitários veteranos passam a constituir-se em “sujeitos empoderados” e legitimados por outros moradores do mesmo quarto. Trata-se da plasticidade do poder no sentido de ordem,

introjetada nos indivíduos e utilizada como estratégia de legitimação ou exclusão.

Assim esse espaço universitário vai se constituindo como um *habitus* - Bourdieu (1989) - caracterizado pela inversão do jogo de poder, no qual os calouros homossexuais são excluídos, dominados, humilhados e alijados dos processos de socialização. Em muitos casos, por desconhecer as regras, ora explícitas, ora implícitas, do jogo, além de se constituírem em minoria, os calouros homossexuais, quase sempre, se vêm contando com sua própria sorte, pois se vêm confinados num ambiente “sem lei” e sem proteção de que possam recorrer. No interior dos alojamentos o “poder” da universidade se minimiza perante os ditames dos alojados.

A vigilância das condutas comportamentais tidas como “desviantes”, ocorre, tanto no quarto, quanto no prédio todo. Em alguns casos, o sujeito vigiado reproduz a vigilância sofrida criando um ciclo de vigilâncias e denúncias. Esse ciclo anula a identificação com o coletivo existente no quarto e a intolerância se instaura de forma rápida e perversa. Num mundo contemporâneo, no qual, cada vez mais os sujeitos têm a oportunidade de contatos e trocas de experiências, isso acaba por transformar esta ação em algo pré-meditado, pré-conceituoso e, por que não, garantia de sobrevivência. Foucault (1999) apontou a repressão contra as sexualidades “desviantes” como ponto fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade. O discurso da sexualidade vem se sustentando porque o sexo é uma variável de fácil dominação sobre o sujeito. A hipótese repressiva nada mais foi que uma incitação do discurso sexual para que fossem impostas sanções aos indivíduos que se tornaram encarregados de delatar os ditos “desviantes” sexuais, bem como toda forma de sexualidade que ocorria para além da dita “natural”. Segundo Foucault (1988, p.24), a pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra.

Ainda na genealogia da história da sexualidade, a *temperança* é apontada como motivo de contenção nos prazeres, bem como um cuidado com o excesso de sexo, de alimentos, etc. O que era uma preocupação com a moral, e a estética se torna no século XVIII, com o código canônico e pastoral cristã, uma incitação do discurso normativo generalizado. Isso trouxe a

dominação severa sobre as práticas sexuais dos indivíduos por parte de instituições funcionam como dispositivos em prol de um biopoder. Nas sociedades capitalistas são exemplos de vigilância da sexualidade, instituições como o Estado, escola, igreja, presídios, exército etc., que exercem suas funções de vigilância oficial dividida com os próprios vigiados numa forma implícita de cooperação.

A conseqüência do biopoder nos sujeitos sobre seu jugo constitui-se no que Foucault (1999) caracterizou como implantação perversa, na qual todos ficam sob suspeita e vigilância. Trata-se de uma verdadeira caça às sexualidades periféricas, destoantes da conjugal monogâmica e heterossexual, que não estariam aptas a um fim produtivo, ou seja, a reprodução/ o fim útil. As relações ditas “periféricas” estariam fadadas a sucumbir pelos dispositivos de coerção já que não teriam um fim útil de procriação.

A entrevista ou interrogatório e a negação compulsória da sexualidade.

No alojamento universitário masculino, ocorre de certa forma a implantação perversa da qual Foucault (1984) analisou em sua genealogia da sexualidade, onde criou -se a classificação dos indivíduos – homossexuais no século XIX, que no alojamento começa pelo rito inicial da entrevista com os calouros. Mesmo que a primeira vista, a sexualidade homossexual passe despercebido pelo crivo da entrevista /interrogatório a vigilância futura continua a ser um risco eminente. Por isso, o medo de “sair do armário” se constitui numa constante neste ambiente masculino.

Na constatação da suspeita pela sexualidade dita “antinatural” o homossexual é expulso do quarto, e na maior parte dos casos direcionados aos quartos de hegemonia homossexual, o gueto do alojamento. Até o segundo semestre de 2010 se constatou dois quartos homogeneamente homossexuais no alojamento novíssimo. Há, ainda, dentro do alojamento também os quartos mistos, onde convivem heterossexuais e homossexuais num “relativo” entendimento, desde que a descoberta da homossexualidade de um dos lados venha tardiamente, o que futuramente tira o homossexual da categoria calouro, colocando-o como também “veterano” caso este se adapte as sanções do quarto num primeiro momento de desvelamento.

Mas, como este fato não é comum no alojamento, tendo em vista a rápida mobilização por parte dos outros companheiros de quarto, as chances para que estes calouros sejam expulsos são grandes. Neste sentido, a “negociação” de poder dentro dos quartos universitários se torna uma disputa entre calouros e veteranos. Nesta disputa, os primeiros acabam saindo perdendo, devido aos veteranos já possuírem o poder/discurso legitimados pelos outros colegas alojados no mesmo quarto. Trata-se de disputa desleal e cruel com os homossexuais.

Para o homossexual que consegue vencer esta difícil etapa de entrada no alojamento, não há alternativa que não seja a omissão de sua sexualidade escondendo, claro sua subjetividade. Assim, este indivíduo torna-se obrigado a negar-se a ouvir sua música predileta, livrar de objetos e indícios que poderia facilmente denunciá-lo, tais como material de conotação de gênero – livros e revistas que costumam gerar muita desconfiança por parte dos veteranos. Até mesmo seu corpo tem de se recondicionar a postura viril. Butler (2003) discorre a respeito da concepção de corpo performativo onde o sujeito/corpo busca se adequar ao ambiente tido como hostil a sua sexualidade. Assim, seu corpo vive de forma aprisionada, cerceada, pagando o ônus por sua escolha de um projeto individual destoante do projeto social de heteronormatização deste corpo. No caso dos universitários, muitas vezes o estudante homossexual necessita continuar no aprisionamento por algum tempo até que ele consiga ser aceito pela sua opção sexual, ou até chegar à condição de veterano, na qual pode conseguir uma “certa” tranquilidade.

As implicações da rejeição ao indivíduo suspeito, implicam na questão da amizade sob a égide de um tabu, devido às necessidades de auto-proteção, de preservação da masculinidade para o olhar do outro, pelo toque, pelo medo de um despertar de um prazer, eminentemente coibido. Neste espaço de vigilância com um homossexual morando no mesmo quarto, há o perigo de outros serem caçados também, ou seja, o desvelamento de um homossexual no quarto coloca em risco a identidade masculina de todos os outros moradores.

Neste sentido, a proteção como medo do desconhecido no outro, e em si mesmo, configura as relações da hierarquia excludente. O receio de aceitar dividir o mesmo quarto com outro rapaz homossexual é uma questão que trás mais variáveis que simplesmente a explicação sob a ótica do preconceito. Este

receio faz com que certas normas se apliquem de modo diferente na relação de um sujeito heterossexual para com um homossexual, quando dividem o mesmo quarto. Se o homossexual for um rapaz discreto, que aceite esconder sua opção sexual em prol da honra e virilidade dos colegas, conseguirá viver numa relativa “paz”. Se, ao contrário, for portador de uma feminilidade, “corrompendo” a virilidade dos demais moradores do quarto, ele é automaticamente encaminhado aos quartos tidos como “quartos gays”. Vale lembrar que esse encaminhamento, só acontece se os moradores concedem o direito do candidato à vaga no quarto participar das entrevistas. Geralmente, a feminilidade é o cartão vermelho para uma provável entrevista.

Entretanto, caso o candidato se porte numa conduta “de homem”, ou seja, sem “dar pinta”, sem ser efeminado, sem demonstrar trejeitos de um homossexual, poderá ser aceito no quarto. Quase sempre a aceitação se dá na condição de que o estudante homossexual se torne por consenso “mulherzinha do quarto”, sendo obrigado a realizar as tarefas de limpeza, de lavar, de arrumar o quarto etc. Nestes casos, a exclusão social, a dominação e as humilhações se agravam, quando há uma suspeita da opção sexual do calouro.

Sobre as questões de comportamento Weeks (2001) apontou que nas estatísticas das pesquisas de Alfred Kinsey sobre comportamento sexual no ocidente cerca de 37% de sua amostra de homens tinham tido experiências homossexuais, e mesmo esses não expressavam necessariamente uma identidade homossexual (Kinsey, 1948). Assim, o aparente paradoxo é que há algumas pessoas que se identificam como gays e participam da comunidade gay, mas que não possuem qualquer atividade sexual homossexual. E outras podem ser homossexualmente ativas, como no alojamento, porém recusam o rótulo “homossexual”, seja para garantir seu lugar no quarto, ou porque acreditam que, não sendo efeminados, seriam “menos” homossexuais. Entretanto, na prática, essa situação de camuflagens e estratégias acaba se tornando mais complexa a convivência no alojamento.

O aspecto de conseguir dominar seus desejos, e não se entregar ao verdadeiro desejo, como na Grécia Clássica, margeia as relações ainda hoje, classificando os sujeitos que possuam o domínio de si daqueles desregrados

que não possuem o mesmo controle. A *temperança sexual*¹grega seria compreendida hoje como uma escolha de papéis sexuais, ser ativo ou passivo sexualmente faria a diferença no corpo e na busca por parceiros ou se passar por heterossexual num quarto de alojamento, facilitando ou não sua inserção.

Weeks (2001) apontou ainda um panorama que se assemelha com os estudos de Foucault (1998). Focado nas relações entre sujeitos masculinos propriamente no século XIX, nas quais o caráter de domínio de si é caracterizado por ele, nos relatos das atividades homossexuais ocorridas de fato entre homens. Quando estas relações se davam, era usualmente entre um adulto ativo e um adolescente passivo. Desde que o garoto adotasse um papel ativo na vida adulta, não sofria nenhuma perda de *status* ou virilidade, pelo contrário, na medida em que o papel fosse ativo, a atividade homossexual poderia ser vista como um sinal de virilidade. O mesmo não era verdade para aqueles que mantinham um papel passivo na vida adulta. Esses eram estigmatizados e freqüentemente maltratados.

O estigma dos guetos gays e o *bullying*.

De acordo com Goffman (1963) existem três tipos de estigmas notoriamente diferentes, as do corpo, as de caráter, e os estigmas tribais, e os homossexuais estariam inseridos dentro do estigma da falta do caráter, de amores antinaturais, bem como alcoólicos, doentes mentais entre outros. Goffman discorre sobre o encontro frente a frente de estigmatizados e “normais” como sendo um dos momentos valorativos para a sociologia.

Cuando normales y estigmatizados se encuentran frente a frente, especialmente cuando tratan de mantener un encuentro para dialogar juntos, tiene lugar una de las escenas primordiales de La sociología, pues, en muchos casos, son estos los momentos em que ambas partes deberán enfrentar directamente las causas y los efectos del estigma. El individuo estigmatizado puede desvubrir que se siente inseguro acerca Del modo em que nosotros, los normales, vamos a identificarlo y a recibirlo. (GOFFMAN,1963,p.24)

No tocante à nossa reflexão, no alojamento novíssimo, há quartos homogeneamente homossexuais. Tais quartos são vez por outra atacados

¹ A temperança sexual é um exercício da liberdade que toma forma no domínio de si; e esse domínio se manifesta na maneira pela qual o sujeito se mantém e se contém no exercício de sua atividade viril, na maneira pela qual ele se relaciona consigo mesmo na relação que tem com os outros. Essa atitude, muito mais do que os atos que se cometem ou os desejos que se escondem, dá base aos julgamentos de valor (p.85).

verbalmente e fisicamente através de um consentimento imposto em nome de uma “socialização”, como política de boa vizinhança. As chacotas, humilhações, e exclusão se instalam rapidamente para com moradores destes quartos.

Através do estigma que o quarto 314 carrega, raras vezes há contatos entre seus moradores com os demais moradores do alojamento, exceto com os moradores de outros quartos de homossexuais. Os contatos também podem ocorrer com os homossexuais dos quartos mistos, sempre em núcleos isolados, pois o medo de ser taxado de “viado”, “baitola” etc, impede a socialização de heterossexuais e homossexuais não assumidos bem como a interação com homossexuais assumidos. O conflito ocorre também entre gays taxados como “pintosos” e gays do armário. Por exemplo, todo o estigma do quarto 314 fez com que este quarto ficasse rotulado como quarto gay há décadas, sendo alvo de chacotas e piadas nos círculos de conversa dos moradores vizinhos, difundidas por comentários pelo campus universitário, e inclusive estando no foco de chacotas de gays não assumidos. Tal situação tornou o quarto 314 alvo em potencial de todo tipo de agressão homofóbica e transformou-o em “depósito” de gays rejeitados.

Esta cisão de relacionamentos entre homossexuais e heterossexuais já se tornou motivo de discussão no próprio meio homossexual. Enquanto uns se defendem dizendo que não há como haver uma interação entre os dois lados, outros argumentam a falta de iniciativas, e uma anti - sociabilidade por parte dos homossexuais, com o restante do alojamento. Nesse caso, parece que a homofobia atua em sentido contrário, fazendo com que parte dos homossexuais não aceitem a heterossexualidade do outro. Também no meio homossexual, há sempre a desconfiança da sexualidade alheia, o que faz com que haja também mal entendidos entre os próprios gays. Pois todo comportamento mais receptivo de um morador com estes tende a ser também vinculado a uma homossexualidade.

O *bullying* sempre permeia as conversas da “turma do babado”, das “bichas”, dos “baitolas”, como são denominados pelos heterossexuais os gays, bem como da “turma dos Ogros”, como são denominados os heterossexuais homofóbicos pelos gays. Pelas denominações cunhadas por ambos os grupos, percebe-se que o binarismo acaba se cristalizando através das “fococas” e

comentários, tornando a exclusão propriamente dita uma via de mão-dupla, tanto por heterossexuais x homossexuais, quanto por homossexuais x heterossexuais.

As relações que já são conflitantes são agravadas pelo *bullying* real práticas de negociação dos riscos da vida diária. O poder e a permanência nesses espaços são sempre uma questão a negociar e renegociar num processo contínuo, no qual cada dia é uma conquista para um alojado homossexual.

O *Bullying* na pesquisa de Bissaco: uma interface da violência dentro do alojamento da Universidade Federal de Viçosa/MG.

No ano de 2009 o aluno Joelcio Zoboli Bissaco, ex-morador do alojamento da Universidade Federal de Viçosa/MG, defendeu sua monografia intitulada: *Os oprimidos saem do armário: Uma análise territorial da homossexualidade nos alojamentos masculinos da Universidade Federal de Viçosa/MG*. Esta monografia apontou para a rotina dos homossexuais entrevistados nos alojamentos desta Universidade, na qual se constatou a presença do *bullying* como um dos muitos problemas causadores do preconceito existente neste local de moradia. Na pesquisa realizada por Bissaco (2009) não só foram coletadas entrevistas no alojamento novíssimo como nos demais masculinos. As entrevistas² apontaram, tanto para os tipos de exclusão e preconceito sofridos pelos universitários homossexuais, quanto para os efeitos em suas vidas individuais e sociais.

Muitos problemas emocionais podem surgir na vida de um homossexual devido ao preconceito sofrido. Isso pode gerar “*depressão na adolescência*” (Vicente, 731), “*isolamento por medo de retaliações*” (Plínio, 821), “*depressão, crise, se achar diferente do mundo e não conseguir se encaixar*” (Sidinei, 833), “*crises de auto-aceitação*” (Reiner, 833).

Bissaco (2009) detectou durante as entrevistas evidências de graduandos que já sofreram com o *bullying*. Dois entrevistados disseram já ter sido vítima de *bullying* na UFV pelo fato de serem homossexuais. Segundo Plínio, do quarto 821, ele passou por uma tentativa de expulsão do quarto onde morou no 2º semestre de 2007. Isso o influenciou positivamente, pois ele procurou seus

² Os nomes aqui apresentados em entrevistas realizadas por Bissaco(2009) são nomes fictícios.

direitos e hoje faz parte de grupos de militância homossexual. Como apontou Bourdieu (1989) em determinadas situações o poder sofrido como coerção, ativa uma reação por parte do grupo, ou do agente vitimizado, o que pode ativar uma reação inversa ao calar-se diante da homofobia sofrida.

Ainda segundo entrevistas coletadas, comprovou-se que o *bullying* é prejudicial para o indivíduo que sofre a agressão. Para Quiron, morador do quarto 613, *“se a pessoa está em paz, a pessoa não vai ficar chateada. Mas se for uma pessoa que se preocupa com a opinião dos outros, isso gera tristeza”*. Para Rener do 833, *“a pessoa fica com medo e com vergonha de ser que ela é”*, o que parece muito com a opinião de Wallace, também do 833, que afirma que, *“este preconceito é nocivo pois o gay fica com medo de mostrar quem ele é”*. Para Umberto, do 524, o *bullying* *“pode reprimir esta pessoa e causar isolamento social”*.

Outro aspecto apontado na monografia foi à opinião dos graduandos a respeito do preconceito no campus Universitário. Interpelados sobre a existência de preconceito contra moradores homossexuais dentro dos alojamentos, os heterossexuais foram unânimes em afirmar que o preconceito existe, sim. Prova disso são as brincadeiras preconceituosas feitos contra quem é homossexual e as placas que são colocadas nas portas dos quartos dizendo que ali é *“expressamente proibida a entrada de “viados”*. Além disso, quem mora no apartamento 314, é taxado automaticamente de homossexual.

Quando há uma vaga num apartamento no alojamento, os moradores fazem entrevistas para escolher quem vai ocupar esta vaga. É aí que os homossexuais encontram um problema muito grande. Isso porque nas entrevistas sempre se pergunta a orientação sexual dos candidatos à vaga. Segundo Miguel, do 4022, *“na entrevista para entrar no alojamento, se alguém falar que é homossexual, não entra na maioria dos apartamentos”*.

Pela monografia de Bissaco (2009) pode-se perceber como o preconceito é latente dentro dos alojamentos universitários. Conforme evidenciaram alguns trechos recortados das entrevistas realizadas. Diante do que se pode constatar na UFV, parece-nos pertinente levantar a problemática se a mesma situação ocorre nos demais alojamentos das demais Universidades Públicas do País? E se há medidas para sanar este tipo de exclusão feita no interior das micro relações de poderes.

As implicações da pedagogização e do *habitus*.

Toda problemática tecida em volta da sexualidade, em ambientes mais diversos possíveis onde há uma vigilância, como é caso dos alojamentos universitários, especificamente nas relações heterossexuais x homossexuais, nas quais o preconceito paira sobre indivíduos de identidades “desviantes”, acaba por reforçar o binarismo.

Entretanto como apontou Bourdieu (1998) não devemos atribuir culpa a nenhum dos dois sujeitos, tendo em vista que aquele que acusa, vigia e puni, o faz porque assim foi sendo inculcado desde sua infância, principalmente através da escola, desde tenra idade. Aliás, escola, igreja, família, serviço militar, mídia entre outros, são instituições onde o *habitus* é introjetado desde os primeiros anos de idade para um fim útil/reprodução. Para Bourdieu não existe o livre arbítrio do agente, pois este está sob a coercitividade da estrutura. A exceção seria a mobilização deste agente dentro de um coletivo.

“ora longe de afirmar que as estruturas de dominação são a - históricas, eu tentarei pelo contrário, comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (2003: 46, grifo do autor)

Foucault (1999) apontou que existem quatro conjuntos estratégicos, que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder. Um deles é a *pedagogização do sexo na criança*, aplicado pela imposição arbitrária cultural.

Para Bourdieu (1998) essa imposição arbitrária se dá de forma essencial no papel da escola, que exclui a cultura de vida da criança, aquela cultura que ela carrega consigo. A escola impõe a cultura heteronormativa que irá ser transmitida ao aluno, fazendo assim uma pedagogização heterossexual do aluno. A pedagogização começa, quando a instituição inicia a separação dos educandos pelo seu sexo no que diz respeito às atividades escolares em sala de aula, nas recreações, nas atividades físicas. Meninos jogarem futebol e meninas jogarem vôlei, atuam como regras impostas, como mecanismos de afirmação que o educando tem de seguir. Por outro lado, a omissão na discussão da sexualidade, ora por desconhecimento, ou por desdém, reforça a

prática de educação binária da escola, tornando-a *locus* para a investigação de muitos estudos de gênero.

Neste sentido a escola investe num trabalho inconscientemente de forma a garantir a inculcação que tem seu início em casa pela primeira autoridade pedagógica, a família. Responsável pelo *habitus*, desde a preparação, antes do nascimento, na cor do enxoval, sendo afirmado mais tarde nas relações escolares. Desta forma Bourdieu (1998) sinalizou que o *habitus* é construído por etapas, nas quais o agente, como o próprio teórico denomina, não tem a percepção desta inculcação lenta e gradual. Por esse desconhecimento, se paga o ônus pela sua não escolha, pela sua inserção numa sociedade calcada pela cultura legitimada e dominadora que consiste na burguesa, heterossexual, patriarcal e branca.

O que se procurou apontar com esta vinculação entre a pedagogização do sexo e o *habitus*, é que se têm no alojamento novíssimo elementos culturais que objetivam a afirmação da masculinidade e a negação das sexualidades “desviantes”. A *pedagogização* e o *habitus* de respectivamente Foucault (1999) e Bourdieu (1998) nos ajudam a compreender a produção do homem dicotômico, que, do ponto de vista da sexualidade, não reconhece, nem aceita, o que há de transversal/marginal na relação homem e mulher, tendo dificuldades em conviver com as identidades ditas “periféricas”.

A questão da virilidade como uma característica buscada e incitada para o sujeito do sexo masculino, tornando-se para este uma armadilha é apontada por Nolasco (1995) como sendo uma característica que torna o homem é cruel consigo mesmo. A cobrança na qual ele se elege e é eleito para ser o provedor do lar, o digno no par de exercer todas as funções tidas como viris, e de certa forma perigosa, e desgastante o ausenta do papel do pai carinhoso, do marido parceiro na divisão de tarefas domésticas. Priva-o de um contato que possa colocar sua virilidade em dúvida, como abraçar um amigo, ou mesmo ter amizades com um homossexual. Ou seja, o homem é o carrasco e marceneiro de sua própria masculinidade.

Considerações finais:

Uma criança homossexual submetida a um modelo de educação binária pode crescer numa falsa ilusão de sexualidade natural x desviante, sofrendo depressão, exclusão e violência por parte de colegas, da família e da

própria sociedade que renegam deslizes de sexualidade do padrão “normal”, afinal na nossa sociedade machista homem tem de ter comportamento de homem: viril, menos emotivo, mais racional, e mulher de mulher: sensível, emotiva, carinhosa. Por outro lado, estas crianças sofrem com a própria angústia de não poderem ser elas mesmas, a partir do momento que começam a perceber que não fazem parte desse mundo binário construído em volta delas, ou seja, sofrem a consequência do *bullying*, que pode acontecer em qualquer etapa do ensino.

Mesmo havendo a orientação da transversalidade determinada pelos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), para orientação de currículos escolares, o que se tem visto na prática, é que a questão da sexualidade, quando é trabalhada, continua sendo abordada de forma fragmentada, em disciplinas compactas, como a biologia e ciências. Por outro lado, há deficiência na formação docente para o trabalho com as sexualidades, fora das matrizes biológicas, impossibilitando uma prática que se permita aos professores o enfrentamento desta temática.

Essa cultura Binária, construída historicamente trouxe prejuízos no que diz respeito para com as relações humanas. A alteridade, o altruísmo, o bem estar, a amizade, o amor ficam relegados aos últimos planos, enquanto a intolerância solapa nossa sociedade num cotidiano de intolerâncias, guerras, genocídios, dominações, humilhações, exclusões e crueldades, nos grupos tidos como “minoritários”, tais como os homossexuais são perseguidos.

Parece que, embora a universidade seja a “última” instância da educação formal para os raros indivíduos que conseguem alcançar este nível de educação, seu ensino acaba por se pautar na formação profissional, científica, não havendo uma preocupação com a discussão de assuntos da vida como homossexualidade, homofobia, etc. A ruptura com a educação binária parece ficar no plano das idéias. Quem sabe não está aí uma das razões para que sejamos “surpreendidos” com notícias homofóbicas de alunos universitários que propõem atingir estudantes homossexuais com fezes em pleno século XXI? Como ocorreu em abril deste ano, este tipo de homofobia ganhou proporção nacional em toda mídia ocorrido no campus da Faculdade de Farmácia da USP, o que com excessos ou não de interpretações, é um fato que reforça toda nossa discussão presente neste artigo.

Referência Bibliográfica

BISSACO, Zoboli, Joelcio. *Os oprimidos saem do armário: Uma análise territorial da homossexualidade nos alojamentos masculinos da Universidade Federal de Viçosa*. 2009. 68 f. Viçosa. Nov 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar – Rio de Janeiro. Editora: civilização Brasileira, 2003.

CARDILLI, Juliana. THOMAZ, Kleber. *Jornal de alunos de Farmácia da USP pede para jogar fezes em gays*. Disponível em: <http://www.sistemaodia.com/jornal-de-alunos-de-famacia-da-usp-pede-para-jogar-fezes-em-gays-75564.html>.

FOUCAULT, Michell. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhom Albuquerque. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 8ª edição, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 7ª edição, 1985.

FOUCALT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: La identidad deteriorada trad. Leonor Guinsberg*: Amorrortu editores, Buenos Aires, 1963.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (ORG). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NOLASCO, S. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.